


DINHEIRO E PODER EM "CIDADE DE DEUS": A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E SUAS DINÂMICAS SOCIAIS

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.029-062>

Luciana Carvalho dos Reis Fim

Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales FICS,
Assunção, Paraguai
Mestre pela Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, Amazonas
E-mail: luciana.prof94@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa as representações do dinheiro e do poder no romance Cidade de Deus, de Paulo Lins, e como esses elementos estruturam as relações sociais e a violência na favela. Através de uma narrativa marcada por uma violência onipresente, Lins expõe as consequências da desigualdade social no Brasil, destacando como o dinheiro e o poder moldam as dinâmicas de vida dos moradores. O estudo aborda como a busca pelo dinheiro não se limita a suprir necessidades básicas, mas se estende a uma busca por status e respeito, enquanto o poder é frequentemente exercido de forma violenta. A análise também se apoia em teorias sociológicas e psicológicas, como as de Freud, que ajudam a entender a violência como resposta à exclusão social e à privação material. O artigo reflete sobre as implicações dessas questões para a sociedade e a academia, sugerindo que a compreensão dessas dinâmicas pode orientar políticas públicas focadas em inclusão social e redução da marginalização urbana. Apesar de suas contribuições, o estudo apresenta limitações, como a restrição temática ao dinheiro e ao poder, sugerindo que trabalhos futuros expandam essa análise para outros temas, como raça e gênero, e explorem comparações com outras realidades urbanas.

Palavras-chave: Cidade de Deus. Violência. Desigualdade Social. Favela. Poder. Exclusão.



1 INTRODUÇÃO

O romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, publicado em 1997, é uma das obras mais importantes da literatura brasileira contemporânea, ao abordar de maneira brutal e realista as dinâmicas sociais e as condições de vida nas favelas do Rio de Janeiro. Através de uma narrativa multifacetada, Lins constrói um universo marcado por uma violência quase onipresente, que permeia não apenas o cotidiano das personagens, mas também suas aspirações e escolhas. O autor retrata um cenário onde o dinheiro e o poder funcionam como forças motrizes, regulando as relações interpessoais e determinando os destinos daqueles que habitam a periferia.

A obra não se limita a descrever a pobreza e a violência de maneira superficial. Pelo contrário, Lins vai além, ao oferecer uma análise profunda dos mecanismos que perpetuam a exclusão social e a marginalização. O autor entrelaça as histórias de diferentes personagens, cada uma com sua própria trajetória marcada por perdas, medos e desejos, criando uma narrativa que reflete as complexidades da vida na favela. O dinheiro, nesse contexto, não é apenas uma necessidade material, mas um símbolo de poder e status, enquanto o poder, por sua vez, se manifesta não apenas de maneira política ou econômica, mas sobretudo de forma violenta e opressiva.

Um dos aspectos mais fascinantes de *Cidade de Deus* é a maneira como Lins utiliza a violência como uma lente para examinar as consequências da desigualdade estrutural no Brasil. A violência, tanto física quanto simbólica, surge como uma resposta direta à privação e à injustiça que moldam a vida das personagens. O acesso ao dinheiro e ao poder, nesse cenário, não apenas representa a possibilidade de escapar das condições subumanas da favela, mas também se torna um meio de sobrevivência e ascensão social dentro de um ambiente que oferece poucas opções.

Neste sentido, o romance de Paulo Lins nos leva a questionar como a busca pelo dinheiro e pelo poder, em um contexto de extrema pobreza, afeta não apenas o comportamento individual, mas também as dinâmicas sociais mais amplas. Como esses fatores contribuem para a perpetuação de ciclos de violência e exclusão? Até que ponto a falta de oportunidades e a marginalização transformam os próprios habitantes das favelas em agentes de uma violência que, muitas vezes, parece ser a única saída possível?

Este artigo tem como objetivo explorar essas questões centrais ao longo da narrativa de *Cidade de Deus*, com foco específico nas representações do dinheiro e do poder. Através da análise de trechos específicos da obra e do uso de teorias sociológicas e psicológicas, como as de Freud e Alba Zaluar, o estudo busca compreender como esses dois elementos estruturam a vida na favela e moldam as interações entre as personagens. Além disso, a pesquisa pretende refletir sobre as implicações dessas representações para a sociedade brasileira, apontando para as raízes profundas da desigualdade e da violência urbana, temas que permanecem extremamente relevantes no debate contemporâneo. Assim,

o romance de Lins se revela uma poderosa crítica social e um retrato implacável de um Brasil onde o abismo entre o "ter" e o "ser" continua a gerar conflitos e tragédias.

2 O OUTRO LADO DA MOEDA: DINHEIRO E PODER EM “CIDADE DE DEUS”

Publicado em 1997, o romance de estreia do escritor carioca, Paulo Lins, narra num ritmo frenético à pluralidade das culturas fronteiriças geradas pelas crescentes diferenças sociais. Entretanto, cabe salientar que a obra esboça, pura e simplesmente, as condições humanas entregues à vulnerabilidade e à incredulidade – implacáveis ao subterrâneo universo do que conhecemos e/ou entendemos por “favela”.

Sob o signo do assustador e ainda temido “efeito da realidade”, Lins tece com habilidade cinematográfica, uma narrativa recheada de sordidezes, tragédias e violências – físicas, simbólicas, psicológicas e sociais.

Infundáveis são as temáticas que poderiam ser desenvolvidas a partir da leitura do romance – especialmente quando, em alguns momentos, ou por falta de objetividade científica, ou por instinto, nos deixamos levar pelos memoráveis recortes do filme dirigido por Fernando Meireles.

Esse breve ensaio, contudo, se ateve as reflexões modestas acerca das simbólicas representações de dois “elementos-chaves” que permeiam o cruelíssimo mundo de *Cidade de Deus*: o “dinheiro” e o “poder”.

Não se trata de associar a criminalidade e a violência às questões sociológicas do dinheiro e do poder. Deixemos essas relações para outra ocasião. O objetivo aqui é bem mais simples e menos pretencioso: observar e refletir sobre algumas noções e vivências das personagens da favela “Cidade de Deus” em relação ao dinheiro e ao poder.

A começar pelo dinheiro. Em um ambiente marcado pelo tráfico, pelo uso recorrente de drogas e entorpecentes, pela miséria, pela violência e pelas condições subumanas – destacadas, ora em detalhes minuciosos e, muitas vezes dolorosos; ora em homéricas descrições – o “outro lado da moeda” é bastante exaltado.

Enquanto submersos nesse (sub)mundo dos morros e da miséria, as personagens, de modo geral, vislumbram os luxos, as mordomias e as melhores condições de um universo “além-favela” – vislumbro este, reforçado pelo narrador e que pode ser analisado logo nos primeiros parágrafos do romance, em que, ao descrever as recomendações do personagem Busca-Pé, o próprio narrador deixa escapar, com ironia e crueza: “Era infeliz e não sabia. Resignava-se em seu silêncio com o fato de o rico ir para o exterior tirar onda, enquanto o pobre vai pra vala, pra cadeia, pra puta que o pariu. (LINS, 2002, p. 12)”.

“Ir para o exterior tirar onda” perpassa quaisquer dúvidas acerca do que já está socialmente “instaurado”: essa é uma condição do rico – assim como muitas outras condições pré-estabelecidas pelo

mordaz estamento e pelas estratificações sociais – e é a própria linguagem utilizada por Paulo Lins que corrobora com a delimitação entre a favela e o “além-favela”, pois rico vai “para” e o pobre vai “pra”.

Ao fim e ao cabo, o olhar “no outro”, o observa do que está supostamente demarcado e longe do alcance do morador da favela Cidade de Deus são inferências recorrentes na narrativa de Lins e, portanto, molas propulsoras das situações em que o dinheiro – palavra repetida por diversas vezes no livro – e o poder estão deliberadamente envolvidos.

No lugar em que as crianças “detestavam a noite, porque ainda não havia rede elétrica” (LINS, 2002, p. 19), a vontade de matar torna-se inerente ao ódio advindo do poder do outro, ou em linhas gerais, o “ter” influencia diretamente o “ser” e o “estar”: “Senti vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada [...] (LINS, 2002, p. 23)”.

Dessa forma, é possível crer que se as condições de existência fossem mais favoráveis aos que na favela “Cidade de Deus” vivem – como aos que vivem em quaisquer favela, a ideia do estranho/estrangeiro – ou seja, daquele que não vivencia o sofrimento e as dificuldades de quem mora no morro – não seria equiparada imediatamente à ideia de inimigo, e o ódio não se transformaria em ações tão brutais de violência.

Quaisquer sinais de (in)diferença, de risco de não-satisfação, de não reconhecimento pode reconduzir à experiência do desamparo primordial e aos becos sombrios e tenebrosos da violência contra o outro que nos ameaça – e assim parecem ser as personagens de *Cidade de Deus*: ameaçadas e sufocadas pelo sofrimento e pela dor de não possuir as mínimas condições de existência que o “além-favela” possui.

Nessas condições, o desejo pelo primordial (ter comida, luz, saneamento básico, dentre outros) parece, contudo, desencadear, no livro de Paulo Lins, um desejo pelo que está além do supostamente necessário, ou, de forma concisa, a sedução pelo dinheiro e pelo poder – o que se estabelece e se relaciona não só ao universo do “além-favela”, como perpassa todas relações e hierarquizações previamente demarcadas dentro da própria Cidade de Deus: muitas personagens, por exemplo, almejam ser donos de bocas de fumo, ganhar muito dinheiro com a venda de drogas, estar bem vestido, ser respeitado e/ou temido dentro da favela.

O “outro”, então, passa a ser, não só o que está fora do universo de *Cidade de Deus*, “o estranho”, “o diferente”, como qualquer um que almeje o poder e o dinheiro existentes contraditoriamente nesse ambiente de pobreza e miséria que entendemos por favela.

A possibilidade de criar projetos de vida, o direito de pertencer a um grupo, de ter condições dignas de sobrevivência, de ter realização no trabalho ou poder fazer do trabalho um meio para ganhar dinheiro e realizar outros sonhos são situações tidas em *Cidade de Deus* como utópicas, em outras palavras, “fora da realidade” de quem nasceu e cresceu dentro da favela.



E se o que é implícito falhou, ou se tornou insuficiente, corre-se o risco da re-instauração da lei “olho por olho, dente por dente” – ou das apatias, do desafeto, do sofrimento doentio que exacerba aquilo que é próprio da dor de existir. Mais uma vez o “ter” diante do “ser”, preconizando a violência:

Antigamente, comentavam pasmados os moradores, somente os miseráveis compelidos por seus infortúnios, se tornavam bandidos. Agora esta tudo diferente, até os mais providos da favela, os jovens estudantes de famílias estáveis, cujos pais eram bem empregados, não bebiam, não espancavam suas esposas, não tinham nenhum comprometimento com a criminalidade, caíam no fascínio da guerra. Guerreavam por motivos banais: pipa, bola de gude, disputas de namoradas. As áreas dominadas pelas quadrilhas viraram verdadeiros fortes, quartéis gerais dos soldados, cujo acesso era dado a bem poucos; os que ignoravam esse fato viam-se expostos à humilhação pública, ao esculacho por morarem em áreas desse ou daquele inimigo ou por serem amigos de um quadrilheiro também inimigo. A guerra, assim tornou proporções maiores, motivo original não significava mais nada. (LINS, 2002, p. 350).

Freud, em seu artigo “Futuro de uma ilusão”, ao discorrer sobre as guerras, chama a atenção para aspectos dessa questão, afirmando que:

É de supor que as classes abandonadas invejarão os privilégios das classes favorecidas e farão todo o possível para libertar-se do aumento especial de privação que pesa sobre elas [grifo nosso]. Caso não o consigam, surgirá na civilização correspondente um descontentamento duradouro que poderá conduzir a rebeliões perigosas. Mas quando uma civilização não consegue evitar que a satisfação de um certo número de seus participantes tenha como premissa a opressão de outros, talvez da maioria – e assim sucede todas as civilizações atuais – é compreensível que eles mesmos sustentam com o seu trabalho, mas de cujos bens participam muito pouco [...] (FREUD, 1996, p. 13).

A intolerância ao menor sinal de desvalia, de exclusão e de sofrimento revela-se nas depressões, nos sofrimentos do corpo, nas cenas crescentes de violência que o narrador descreve friamente e na busca compulsiva de saídas imediatas – a violência, por exemplo – que visam a ajudar as personagens angustiadas de *Cidade de Deus* a suportar melhor esse mal estar em relação ao dinheiro e ao poder pertencentes aos outros – ou pelo menos a conviver com ele.

Como essa convivência não é apresentada na narrativa de Lins como pacífica tem-se o outro lado da moeda, desencadeado como um vasto campo para o uso de drogas, para o tráfico e, principalmente, para as práticas perversas e frias de violências físicas e simbólicas – tudo regido pelo dinheiro e pelo poder.

Assim, o dinheiro e o poder, naquele ambiente da favela Cidade de Deus, são enfatizados, não só em função de uma trágica realidade social, como também pela afirmação violenta de força sobre o corpo e sobre a vida do outro – daí as mortes, os assassinatos e os estupros por “motivos banais”.

3 CONCLUSÃO

A análise de *Cidade de Deus*, focada nas representações de dinheiro e poder, revela como essas forças estruturam não apenas as relações sociais dentro da favela, mas também a maneira como os moradores lidam com a exclusão e a violência. O romance de Paulo Lins oferece uma crítica incisiva

sobre as consequências da desigualdade estrutural e como essa realidade é vivida pelas camadas marginalizadas da sociedade. Ao discutir o impacto do dinheiro e do poder na favela, o estudo reforça a necessidade de compreender a violência não como uma escolha individual isolada, mas como um produto das condições extremas de privação e falta de oportunidades.

Os resultados deste trabalho têm implicações importantes tanto para a sociedade quanto para a academia. Para a sociedade, a reflexão sobre a relação entre desigualdade e violência pode contribuir para a formulação de políticas públicas mais eficazes, que priorizem a inclusão social e o combate à marginalização urbana. Compreender que a violência é amplamente moldada pelas dinâmicas do dinheiro e do poder na favela pode auxiliar na criação de iniciativas que ofereçam alternativas reais de ascensão social e econômica, diminuindo a atração pelo tráfico de drogas e pela violência como meios de sobrevivência.

Para a academia, o estudo do romance de Paulo Lins pode abrir novos caminhos de investigação sobre as interseções entre literatura, sociologia e psicologia. A obra funciona não apenas como um retrato ficcional, mas como uma ferramenta analítica para explorar a realidade social brasileira. O estudo da violência urbana, por exemplo, pode ser aprofundado à luz da obra, destacando a importância das representações culturais na formação do imaginário social e na compreensão das dinâmicas de exclusão e marginalização.

Contudo, é importante destacar as limitações desta pesquisa. O foco restrito à análise de *Cidade de Deus* e a escolha por estudar apenas dois elementos-chave – dinheiro e poder – limitam a abrangência da discussão. A obra de Paulo Lins oferece uma vasta gama de outros temas, como raça, identidade e questões de gênero, que não foram explorados de forma detalhada neste estudo. Além disso, a pesquisa baseia-se predominantemente na perspectiva da favela como um espaço isolado, sem aprofundar em como essas dinâmicas se relacionam com o contexto urbano mais amplo e com a interação entre favelas e outras regiões da cidade.

Recomenda-se que estudos futuros ampliem essa análise, incorporando outros elementos temáticos e perspectivas teóricas que possam enriquecer a compreensão das dinâmicas sociais nas favelas. Estudos comparativos entre diferentes obras literárias ou mesmo entre diferentes favelas podem oferecer insights valiosos sobre como o dinheiro e o poder operam em diversos contextos de exclusão. Além disso, investigações interdisciplinares, que unam a literatura com estudos urbanos, podem gerar novas abordagens para o desenvolvimento de políticas públicas mais justas e inclusivas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão às pessoas que tornaram este artigo possível. Primeiramente, agradeço aos meus orientadores, pela paciência, pelas sugestões sempre tão enriquecedoras e por acreditarem no potencial deste trabalho, mesmo nos momentos de dúvida. Aos



colegas e amigos da FICS, cujas conversas e trocas de ideias foram essenciais para amadurecer minhas reflexões.

À minha família, especialmente meu esposo Nielson e minha mãe Sonia, pelo apoio constante, pela compreensão durante as longas horas de dedicação, e por me incentivarem a nunca desistir. Agradeço também aos amigos que, de perto ou de longe, estiveram presentes me oferecendo palavras de encorajamento.

Por fim, dedico este trabalho àqueles que me inspiraram com suas histórias e trajetórias, que me fizeram refletir sobre as questões que este artigo busca abordar. A todos, meu mais sincero agradecimento por estarem ao meu lado nessa jornada.



REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (v.XXI): o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ª edição revisada pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Paulo Lins: Quando se dá fome, o resto do mundo é inimigo. Cidadania na internet. 17 jul. 2003. Publicação digital. Disponível em:. Data do último acesso: 15/01/2012.

ZALUAR, Alba Maria. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Ed.1ª, Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2004.